



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS
PROJETO SEGUNDO TEMPO**

LUCIANA MARTINS BRAUNER

(depoimento)

2010

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias – Segundo Tempo

Número da entrevista: E-142

Entrevistado: Luciana Martins Brauner

Nascimento: Não informado

Local da entrevista: Porto Alegre/RS

Entrevistadora: Paula Andreatta Maduro

Data da entrevista: 22/06/2010

Transcrição: Grasiela Alves de Castro

Conferência Fidelidade: Paula Andreatta Maduro

Copidesque: Paula Andreatta Maduro

Pesquisa: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Fitas: Gravador digital

Total de gravação: 29 minutos e 37 segundos

Páginas Digitadas: 14

Catalogação: Luciane Silveira Soares

Registro: Vera Maria Sperandio Rangel

Número de registro: 02158/2010/01

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

BRAUNER, Luciana Martins. *Luciana Brauner (depoimento, 2010)*.
Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE -
ESEF/UFRGS, 2010.

Sumário

Formação acadêmica e profissional; início do envolvimento com o Programa Segundo Tempo (capacitadora); capacitações; participante das Equipes Colaboradoras; visão sobre a estruturação do Programa; avaliação sobre o processo de capacitação; pontos positivos e limites do PST; opinião para uma maior qualificação do Programa; contribuição do PST para a inclusão social; Projeto Quero-Quero: transição para o PST, funcionamento do projeto, atividades desenvolvidas, número de beneficiados, gestão do projeto; importância na preservação da memória do Programa Segundo Tempo.

Porto Alegre, 22 de junho de 2010. Entrevista com Luciana Brauner, a cargo da pesquisadora Paula Maduro, para o Projeto Garimpando Memórias, Projeto Memória do Segundo Tempo.

P.M. – Gostaria, primeiramente, de saber a respeito da tua formação profissional, da tua graduação, da pós-graduação e tua experiência profissional.

L.B. – Me formei em Educação Física na UFRGS, fiz especialização em Motricidade Infantil aqui também, e agora estou encerrando o mestrado¹. Daqui a um mês devo estar com o título de mestre.

P.M. – E tua experiência profissional em escolas, clubes, na área da gestão?

L.B. – Antes de me formar foram os estágios. Desde que eu me formei, eu passei a trabalhar no projeto Quero-Quero² aqui da ESEF³, que agora está em transição para virar Segundo Tempo. Trabalhei em academia dando aula de natação também, e trabalhei, fiz alguns trabalhos para o Segundo Tempo também como capacitadora.

P.M. – E qual foi esse trabalho como capacitadora, explica um pouquinho?

L.B. – Em 2007, eles começaram a reestruturar a parte pedagógica do Segundo Tempo, achando que tinha que ter um acompanhamento maior, porque começaram a ir a campo e ver que muitos desses projetos não existiam. Então, eles queriam fazer um acompanhamento mais próximo e o primeiro passo para o acompanhamento mais próximo seria capacitar as pessoas que estavam trabalhando para depois ter um acompanhamento regular. Então, eles chamaram alguns professores de algumas Universidades, principalmente do Rio Grande do Norte, se não me engano, e aqui do Rio Grande do Sul, mas também de outras Universidades federais pelo Brasil. Chamaram esses professores

¹ Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano – Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

² Projeto Quero-Quero (PQQ), parte integrante do Programa Educação pelo Esporte, é uma parceria entre a Escola de Educação Física da UFRGS com o Instituto Ayrton Senna e conta com o apoio do banco de alimentos (FIERGS). O objetivo principal do projeto é a formação integral dos participantes tendo o esporte como principal eixo.

³ Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

para montar uma capacitação pedagógica para o Segundo Tempo, para os Coordenadores. A ideia era capacitar os Coordenadores de Núcleo e Coordenadores Gerais. Esses professores das Universidades criaram os temas das capacitações, desenvolveram o livro do Segundo Tempo⁴ e chamaram algumas pessoas que achavam que conseguiriam dar conta daquele tema para fazer as capacitações com os coordenadores. A professora Nádia Valentini⁵ e o professor Ricardo Petersen⁶ me chamaram, e foi quando eu entrei no Segundo Tempo, acredito que nas férias de 2007 ou 2008. Eu participei da capacitação, e lá a gente reformulou os temas que estavam sendo propostos, e definiu uma linha para todo mundo seguir. A partir dali eu comecei a fazer algumas capacitações pelo Brasil, a gente capacitava os Coordenadores Gerais ou Coordenadores de Núcleo, antes de iniciar o convênio. A ideia era que antes de iniciar que todos eles passassem, mas como muitos convênios já estavam em andamento, os coordenadores tiveram que passar por essa capacitação para que o convênio fosse dado continuidade.

P.M. – E a relação com o Programa Segundo Tempo, como tu o conhecesse? Acho que tu já explicaste, e como e quando começou a trabalhar no Programa Segundo Tempo? Foi a convite da professora Nádia e do professor Ricardo, foi uma seleção, uma cedência? Como é que funcionou?

L.B. – O princípio é que a gente tinha que ter algum vínculo com as Universidades, porque a gente recebia os pagamentos através da FAURGS⁷, que, inclusive, fazia os pagamentos para todo Brasil. Meu vínculo com a Universidade era através da especialização naquele momento, e depois foi através do mestrado. Não teve seleção, eles convidaram as pessoas que eles achavam pertinente. Ao longo desse processo foram permanecendo algumas pessoas, outras não foram permanecendo. Depois dessas capacitações, o objetivo imediato, imediato não, ao longo prazo deles, era ter um acompanhamento mais direto com esses núcleos, então acho que foi - agora deixa eu pensar- acho que foi 2008 na metade do 2008 eu acredito ou mais para o fim, quando eles montaram as Equipes Colaboradoras de cada região. A partir desse momento eu passei a fazer parte da Equipe Colaboradora da

⁴ Material Didático para o Processo de Capacitação do Programa Segundo Tempo. Impresso pela Gráfica da UFRGS em 2008

⁵ Nádia Cristina Valentini. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁶ Ricardo Demétrio de Souza Petersen. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁷ Fundação de Apoio a Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

região Sul, que era aqui do Rio Grande do Sul. Até esse momento eu ia por todo o Brasil dando as capacitações em diferentes regiões. A partir desse momento cada equipe tinha a responsabilidade das suas capacitações, da sua região, não ficava mais viajando assim, e também fazia esse acompanhamento mais direto com os núcleos, a gente ficava encarregado por alguns núcleos, mandar email, fazer contatos por telefone, fazer visitas.

P.M. – Então a gente pode dizer que a tua função do Programa Segundo Tempo era de capacitadora das equipes coordenadoras?

L.B. – Isso. Não, capacitadora dos Coordenadores de Núcleo. E depois eu comecei a fazer parte da Equipe Colaboradora, então era colaborador, mas continuava sendo capacitadora, daí eu fiz isso acho até agosto ou julho de 2009, quando eu tive que sair por que não dava pra fazer tudo. [riso]

P.M. – Então trabalhaste no Segundo Tempo final de 2007, início de 2008 até julho...

L.B. – Até julho ou agosto de 2009, e aí, coincidentemente, dois ou três meses depois a gente soube que o nosso projeto não ia mais ter verba do Instituto Ayrton Senna, e corremos para tentar conseguir o Segundo Tempo. Acabei continuando no Segundo Tempo. [riso]

P.M. – Então a extensão do teu trabalho com o Programa Segundo Tempo foi tanto regional, quanto estadual, quando nacional?

L.B. – Isto, foi até o Amapá [risos].

P.M. – Antes de falar da mudança do Projeto Quero-Quero para o Segundo Tempo, vamos ver o que tu conheces sobre o início do Segundo Tempo e seus desdobramentos?

L.B. – O ano inicial preciso, se não me falha a memória, foi por 2003 que começou. Eu conheci o projeto só quando eu entrei no fim de 2007 e início de 2008. Ele é um projeto que prometia bastante, mas que ficou um pouco perdido por falta de alguém se dedicando a ele em si, então acho que foi isso que eles tentaram retomar em 2007. Na verdade eles já

vinham a um seis meses tentando fazer, tentaram alguns tipos de capacitações, pra tentar tornar, fazer ela do jeito melhor possível, então através dessas capacitações eles foram se aprimorando pra chegar no modo como está hoje em dia, agora... [risos]

P.M. – Tua visão sobre a estruturação do Segundo Tempo, os eixos, os núcleos, os projetos especiais, o que tu conheces?

L.B. – Eu acho que esse reinício realmente foi um pouco atropelado, pelo o que eu vivenciei em 2007, e a gente ouvia algumas críticas de fora,. No momento que eu entrei pra dentro do Programa eu comecei a ver todo lado positivo que muitas pessoas não vêem. É muito fácil criticar, e quando alguém critica é muito fácil concordar com essa crítica [riso]. Então eu comecei a ver, como eu já trabalhava com projeto social aqui na ESEF, que tinha muitas semelhanças, e eu realmente acredito nas potencialidades do Segundo Tempo. Por isso eu continuei por tanto tempo, e até fiquei feliz que ele está vindo para cá. Em relação ao modo como ele está estruturado, eu não conheço pessoalmente os núcleos especiais, eu sei que tem em Pelotas⁸, que eu vi fotos e estive lá, mas não vi as crianças nem o trabalho deles. Pelo que vi escrito e em fotos, me parece um trabalho bem bom, mas os outros núcleos especiais eu não vi, não conheço. Sei que tem um Navegar⁹, que passou a fazer parte do Segundo Tempo que também é aqui no Rio Grande do Sul. Em relação ao modo como são estruturados os núcleos eu acho bom, mas acho que falta pessoal. Isso a gente vê muito quando a gente ia visitar os núcleos. Às vezes, as pessoas são super bem intencionadas e tentam fazer um trabalho super bacana, mas realmente a parte de pessoal é um pouco limitada, apesar de que eles mudaram isso, aproximadamente um ano atrás se não me engano. Antes era um professor Coordenador de Núcleo e dois monitores estagiários pra cada duzentas crianças, e agora eles trocaram para um Coordenador de Núcleo e um estagiário pra cada cem crianças, então isso melhorou um pouco. Eu já achava que era um pouco e insuficiente, então quando a gente foi montar a nossa grade aqui [riso] foi bastante complicado, e a gente só consegue colocar o projeto em dia do jeito que a gente coloca, porque a gente tem outras bolsas, além do Segundo Tempo.

⁸ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul.

⁹ Projeto Navegar, ligado ao Ministério do Esporte

P.M. – Uma pequena avaliação do processo de capacitação, já que tu disseste que já trabalhou no processo de capacitação, como capacitadora, então, faça uma pequena avaliação.

L.B. – Eu achava bem rico esse processo, até porque muitos professores que estavam ali não tinham participado de nenhum congresso, nada que os qualificasse depois da sua formatura, e alguns já estavam formados há bastante tempo. Muitos, inclusive, nem eram da área de Educação Física, principalmente do norte e do nordeste a gente via que metade da turma era professor de Educação Física, outra metade era agente comunitário, era pedagogo. Então são áreas bastante diversas, porque em muitos lugares não tinha gente suficiente da Educação Física para trabalhar. Principalmente para essas pessoas, eu acho que era extremamente rico; a gente tinha um retorno bem positivo de quem se interessava. Claro que tem alguns que não estavam nem aí. Eu entendo que o processo da capacitação era pesado, porque eles chegavam num dia à noite, e a partir do dia seguinte eram três dias que iniciavam às 8 horas da manhã e encerravam às 19 ou 20 horas da noite, com dedicação integral. Eles paravam só para fazer as refeições. As refeições que eu vivenciei eram muito bem servidas, eles inclusive elogiavam [riso]. Acho que é um passo importante para gente comentar, o Ministério¹⁰ sempre convocou essas pessoas, isso até era uma reclamação deles, e isso eu compreendo. Eles têm que sair dos seus trabalhos, e muitas trabalham em outras áreas, e é uma data fixa. Eu entendo o lado do Ministério, porque eu fazia parte, mas também entendo o das pessoas. É realmente complicado sair do nada da sua rotina e ficar três ou quatro dias fora. Muitos, inclusive, faziam viagens de barco e depois ônibus, demoravam até dois dias pra chegar no lugar da capacitação. Então, essa é uma parte complicada, mas quem realmente participava e se interessava normalmente tirava bastante proveito. A gente também, eu aprendi um monte. Para mim foi super importante, não tenho nenhuma dúvida disso, principalmente porque eu não tinha passado por essa experiência de falar para muitas pessoas, acho que isso para mim foi um passo bem grande na minha formação. Então eu acredito que isso foi bastante proveitoso, como eu falei. Eu acho interessante que foi criado um segundo ciclo de capacitação. Foi dada continuidade àquele processo, não ficou parado no primeiro. É claro que a gente que estava dentro via que tinha muitas coisas que tinham que mudar [barulho de telefone tocando],

¹⁰ Ministério do Esporte.

que precisavam de algumas adaptações, mas que eles foram fazendo na medida do possível [silêncio].

P.M. – Na avaliação do Programa Segundo Tempo, quais são os pontos positivos do Programa ao teu ver?

L.B. – O que eu acredito que seja mais positivo é proporcionar pra algumas crianças, que não tem condições de fazer isso em outro lugar, essa prática de atividade física com materiais que, se não os ideais, eles são bons. As crianças não têm esses materiais. A gente tinha problemas com bolas, parece que eles estavam sanando isso. Eu não vi ainda as bolas que estão sendo usadas agora, mas para as crianças que não tem materiais, essas bolas com certeza alegram bastante, as crianças conseguem brincar com isso. Acho que o principal ponto positivo é esse, até porque ali eles têm uma refeição, então, alguns vão lá por causa disso, a gente acaba conquistando as crianças com isso, e fazendo com que elas pratiquem alguma atividade esportiva, e claro que isso conseqüentemente diminui o tempo de exposição delas em alguma outra atividade de risco que colocariam elas em situações desagradáveis, e realmente em risco.

P.M. – Quais os limites do PST ao teu ver?

L.B. – Os limites do Programa eu acredito que aos poucos vão sendo sanados também. Acredito que essa regionalização do acompanhamento das capacitações foi bem importante, porque eu mesma esbarrava em alguns empecilhos que parecem pequenos, mas que só dão uma pequena noção de que as coisas são bem diferentes. Principalmente quando eu fui fala no Amapá, foi bem diferente para mim, a gente dá alguns exemplos que pra eles não são tão realistas. Enfim, acho que essa regionalização é bastante importante. Quanto a outros limites, só vou falar de coisas do dia a dia mesmo [riso]. Acho que seria importante essa parte de camiseta, por exemplo. As crianças adoram, é uma coisa que chama. No entanto vem pouco, principalmente porque tem uma rotatividade muito grande de crianças. Também o fato de ter só um coordenador e um estagiário para cada cem crianças, acho que é um fator que limita. Isso limita bastante a atenção que se pode dar pra essas crianças. E também, o trabalho que vai ser desenvolvido numa turma de quarenta, não é o mesmo que numa turma de vinte, principalmente isso.

P.M. – Na tua opinião, o que é possível fazer para que o Programa se qualificar mais, quais são as possibilidades que podem vir a ter no Segundo Tempo?

L.B. – Eu acho que os Coordenadores de Núcleos poderiam ser capacitados, perdão, os Coordenadores de Núcleo já são capacitados, mas os monitores acho que seria bom que eles fossem capacitados pela Equipe Colaboradora, porque atualmente eles são capacitados pelos Coordenadores de Núcleo. Tem muitos Coordenadores de Núcleo que já vão com má vontade pra capacitação, então, a gente fica imaginando de que maneira eles vão passar isso. Os núcleos para funcionar são obrigados que os monitores tenham passado pela capacitação através dos Coordenadores de Núcleo, só que a gente não sabe até que ponto que as capacitações conseguem ter algum impacto pra os monitores. Isso é difícil porque tem uma rotatividade também grande de monitores, isso requereria um custo maior pra projeto, mas isso seria importante, que mais que era?

P.M. – Era isso aí. Qual a contribuição do Programa Segundo Tempo para a inclusão social?

L.B. – Eu acho que a contribuição se dá justamente nesse sentido que tinha falado antes. Muitas crianças não teriam possibilidades de praticar esses esportes se não fosse através do Segundo Tempo, então acho que esse é o principal. Claro que a gente pensa a partir do Segundo Tempo o que pode modificar na criança, e isso é uma discussão muito grande, [palavra inaudível] [risos], mas acho que isso é um passo além. É claro que é uma visão simplista e imediatista, mas é o que a gente consegue ver em todas as crianças que estão ali, porque o processo de desenvolvimento que eles vão ter no através da participação não vai atingir todos, então o que atinge todos, eu acho, que é essa possibilidade de que eles estejam praticando um esporte.

P.M. – O Programa na sua prática atende os objetivos propostos?

L.B. – Eu acho que atende. Quando ele é bem estruturado e feito por pessoas que acreditam naquilo ali, e que estão querendo fazer, eu acho que atende.

P.M. – Agora fala um pouco dessa junção do Quero-Quero com o Segundo Tempo, a partir de quando, como é que aconteceu?

L.B. – O Projeto Quero-Quero surgiu aqui na ESEF em parceria com o Instituto Ayrton Senna em 2003, coincidentemente no mesmo ano que o Segundo Tempo. Ele era financiado pelo Instituto Ayrton Senna até o ano de 2009, sendo que ali por volta de setembro a gente teve a notícia deles que eles não teriam mais como patrocinar os projetos esportivos. Inclusive houve algumas reuniões lá em São Paulo também pra ver o que os programas todos, todos os projetos do Programa Educação pelo Esporte fariam. Tentou-se de alguma maneira continuar como uma unidade, como um todo, mas não teve como porque realmente não tinha dinheiro, e as Universidades não conseguiam bancar os projetos. Então, a partir dali cada projeto foi buscar alguma alternativa. Muitos deixaram de existir, o que é uma pena porque os projetos tinham muitos anos, e eram muito bons os projetos, bem estruturados. Na verdade existiam projetos prontos que só precisavam de alguém que desse o dinheiro. No nosso caso a gente conseguiu entrar para o Segundo Tempo. A gente ficou até um pouco inseguro nessa transição, porque a gente sabe que o Instituto Ayrton Senna foi parceiro do Ministério do Esporte por um tempo, e que houve uma cisão nesse relacionamento, até em função de algumas coisas da capacitação que o Instituto Ayrton Senna queria fazer parte, achava que deveria fazer parte, e o Segundo Tempo achou que era melhor que eles não fizessem parte. Então a gente ficou um pouco receoso nessa transição, mas foi a possibilidade que surgiu para gente manter o projeto. Nossa ideia principal era manter as crianças, era fazer com que elas continuassem tendo essa prática, independente de que fosse magoar alguém ou não.

P.M. – Como é que é essa prática, como é que funciona essa prática do Projeto Quero-Quero?

L.B. – Para fazer essa transição do Quero-Quero para o Segundo Tempo, a gente teve que adaptar algumas coisas. Até o ano passado as crianças poderiam vir quatro dias por semana aqui no projeto. Muitos acabavam vindo só dois dias, mas tinha essa opção. São instituídas algumas normas no Segundo Tempo em que a criança tem que vir três dias pelo menos e ela tem que ter dois esportes coletivos e um individual. A gente teve que reorganizar a nossa grade, não foi mais possível continuar oferecendo quatro dias para as crianças

porque não tinha como ter tantos dias pra tantas crianças. A gente acabou tendo que fechar um dia no projeto, e todas as crianças vão passar a vir os três dias que vai ter aula no projeto. Também a gente teve que mudar algumas modalidades, mas a maioria já tinha atividades individuais e coletivas. Agora a gente está em processo de transição. O projeto foi aprovado, se não me engano em dezembro do ano passado, foi no fim do ano. A gente teve que correr com esse processo, porque estava na fase final de recebimento de projetos, mas o projeto foi aprovado. Desde lá a gente estava aguardando que fosse enviado o dinheiro que foi aprovado nesse projeto. Esse dinheiro acabou chegando acho que há menos de um mês mais ou menos, então até agora isso foi bastante difícil paa gente nessa transição, porque o nosso principio era não perder as crianças, não deixar eles sem atividades, e a gente teve que se virar durante esses meses. A gente não sabia o que o fazia, como a gente não tinha esse posicionamento de quando ia vir esse dinheiro. A gente tinha que tomar algumas decisões, e resolvemos iniciar o projeto com menos dias, só com dois dias, mas atendendo às crianças, fazendo alguns remanejamentos, com alguns professores voluntários, coordenadores todos trabalhando voluntariamente, até que viesse esse dinheiro. Então, por enquanto, a gente está em “*stand by*”, a gente está funcionando com bolsas de extensão¹¹, bolsas de SAE¹² e pessoas voluntárias. Antigamente a alimentação era doação do banco de alimentos, que eram barras de cereais. A gente continua com a doação deles, por mais que o Instituto Ayrton Senna tenha fechado a parceria, então, a gente continua fornecendo lanche pra eles, e continua fazendo as coisas do jeito que está dando. [riso]

P.M. – E quais são as atividades que, hoje, vocês trabalham?

L.B. – Os esportes! As aulas de informática não conseguimos trabalhar neste ano. A gente está realmente aguardando a bolsa do Segundo Tempo, acredito que em agosto isso vai retomar. As atividades desse semestre eu acredito que sejam natação, atletismo, futebol, vôlei, handebol, - puxa agora não me recordo -, o ano passado a gente conseguiu até colocar *hockey* no segundo semestre, mas esse ano não sei se a gente vai conseguir manter o *hockey*.

¹¹ Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹² Secretaria de Assistência Estudantil da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

P.M. – Não dá para inserir o rugby, com a capacitação do Eraldo¹³?

L.B. – Não sei. Nem chegou para gente essa possibilidade. Tem um menino que joga *rugby* e que trabalha no projeto, talvez ele se interesse.

P.M. – Se interessar, dá uma conversada com ele, acho que vale a pena, isso é um trabalho bom, então agora já está oficialmente tudo ok?

L.B. – Mais ou menos. Depois que chegar o dinheiro tem que fazer ainda licitações para fazer compra de material e para compra de alimentos. Isso leva em torno de uns dois meses, nos disseram, então, acredito que em agosto a gente vai começar a receber, e aí a gente vai começar a fazer o atendimento como deveria estar sendo desde o início.

P.M. – Dos três dias da semana, cem crianças por dia?

L.B. – Duzentas crianças por dia, porque a gente dois núcleos. Inicialmente era para ser cem de manhã e cem de tarde, mas a gente viu que a demanda para manhã é menor do que para tarde. A gente teve que fechar uma turma da manhã, passando ela para tarde, então, vai ter em torno de setenta e cinco de manhã e cento vinte e cinco de tarde. Essas crianças vão vir nos três dias.

P.M. – E esse projeto vai se chamar, vai ser um projeto especial do Segundo Tempo, e vai se chamar Projeto Quero-Quero? Como é que vai ficar dentro da estruturação do Segundo Tempo?

L.B. – Vai ser um núcleo comum, não vai ser um núcleo especial. Se pensou isso no início, até para se trabalhar com pesquisa mais direto ali no Quero-Quero. Não foi possível por falta de verba, eles viram que ia sair mais caro, e também porque a gente estava sem tempo para aprovar, nem tinha tempo para contra argumentar. Vai ser um núcleo normal do Segundo Tempo.

¹³ Eraldo dos Santos Pinheiro. Membro da Equipe do Programa Segundo Tempo coordenado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

P.M. – Vai ser chamar Quero-Quero?

L.B. – Ah! Então continua como Projeto Quero-Quero/Programa Segundo Tempo. Isso está sendo um desafio para gente, fazer essa transição para as crianças de uma maneira que eles não sintam tanto esse impacto, para os pais também. A gente teve reunião no início do ano para fazer essa distinção, para eles saberem desde o início que o projeto faz parte do Segundo Tempo. A gente está tentando trazer o nome "Segundo Tempo" para dentro do projeto, mas nessa transição eu acredito que esse ano vai ficar mais enfatizado o nome Quero-Quero, para depois ser mais enfatizado o nome do Segundo Tempo, no ano que vem. Continua com nome de Quero-Quero, o que saiu é que antes o Projeto Quero-Quero era do Programa Educação pelo Esporte, do Instituto Ayrton Senna, e a partir desse ano o projeto Quero-Quero vai passar para o programa Segundo Tempo, projeto do Ministério do Esporte.

P.M. – Outra pergunta é que ele continua com duas horas por tarde ou por manhã, atendendo sempre contra turno as crianças das escolas, aí vocês além das atividades, tem o lanche, mesmo estruturação do Segundo Tempo?

L.B. – O projeto já funcionava assim. Isso a gente não mudou, os horários, porque ele funcionava já durante duas horas e meia na manhã e duas horas e meia na tarde. Era uma hora de atividade de esporte, com meia hora de intervalo para o lanche, e mais uma hora de esporte. Isso a gente conseguiu manter.

P.M. – Ah, que ótimo. Tem uma estrutura diferente que já era anterior ao projeto Quero-Quero, mais alguma coisa assim em relação até ao material do Quero-Quero, confecções novas via programa Segundo Tempo, como é que vai funcionar, camiseta, as próprias camisetas acho que fazem a diferença?

L.B. – [risos] muita diferença, as crianças perguntam todos dia: "onde estão as camisetas?", até porque a gente sempre teve camisetas no projeto, então, isso reflete muito na organização do projeto, e no pertencimento das criança no projeto. Fazem muita diferença. A gente consegue funcionar muito mais como um grupo, em relação às crianças

mesmo, eles se veem muito mais como um grupo. Essa identificação através da camiseta é bem importante para gente, mas deve vir também para o segundo semestre.

P.M. – Até não sei se tem mais alguma coisa para colocar do Quero-Quero em relação ao Segundo Tempo?

L.B. – Nessa transição, o que acho bacana, é que eu estou vivenciando um lado que eu não tinha vivenciado antes. Eu antes era a pessoa que cobrava e que acompanhava, eu agora sou a pessoa que está fazendo as coisas no núcleo, e é bem mais complicado do que eu imaginava. É uma burocracia bastante grande. Claro que muitas vezes, antes, eu compreendia os Coordenadores quando eles me falavam que algumas coisas eles tinham dificuldades, mas agora eu os compreendo ainda mais [risos], porque realmente até que se dê o início, muitas vezes eles pedem alguns documentos que a gente manda mais de uma vez para lá, então isso também cansa bastante. Mas eu acho que faz parte, porque é um dinheiro público que está sendo investindo, então, tem que ter esse acompanhamento bem direto. O que a gente se decepcionou um pouco foi esse período grande de transição, porque a gente fez tudo e correu muito no fim do ano passado, não parou nas férias. A gente não tirou férias para que a crianças não parassem de ter o atendimento no início desse ano e, no entanto, a gente não conseguiu fazer isso mesmo atendendo a tudo aquilo que eles nos pediam. Então, chegou um momento em que a gente esbarrou no dinheiro. O dinheiro não veio, sendo que a gente já tinha tudo pronto.

P.M. – Só me explica uma coisa, que acho que seria bem importante, a estrutura do Quero-Quero no Segundo Tempo, quantos coordenadores, quantos monitores, como é que funciona, se tem as Equipes Colaboradoras, como é que funciona a estrutura do Quero-Quero?

L.B. – A gente vai funcionar como um núcleo comum, como eu falei antes, só que com um pequeno ajuste em função das bolsas que a gente tem de assistência estudantil e também das bolsas de extensão. A única peculiaridade que até esqueci de comentar antes é que eles aprovaram uma bolsa de Coordenação da Psicologia¹⁴, porque a gente sempre teve o pessoal da Psicologia aqui no projeto, só que eles não tem como atuar sozinhos, eles são

estagiários. Eles não têm como atuar sem a supervisão de um coordenador, e isso o Programa nos permitiu acrescentar uma bolsa de Coordenação de Psicologia no mesmo valor do Coordenador de Núcleo. Então, a gente tem uma bolsa de Coordenador Geral, como em todos os projetos, temos bolsa de Coordenador Pedagógico, temos bolsa de Coordenador de Núcleo e a de Coordenador da Psicologia, que é o diferencial que a gente conseguiu aprovar em relação aos outros projetos, junto ao Ministério.

P.M. – E além dos coordenadores, quantos monitores?

L.B. – Aprovado pelo Ministério só dois. Perdão, dois de atividades esportivas, mais um monitor da Psicologia e um monitor para Informática, porque cada núcleo tem direito a um monitor de atividades especiais, então, as nossas atividades especiais ficaram delimitadas em uma bolsa para Psicologia e uma bolsa para Informática. Além disso, nós temos dois ou três bolsistas do SAE, dois bolsistas de extensão, além dos estagiários que fazem o estágio curricular aqui da universidade no Quero-Quero.

P.M. – O coordenador geral é a professor Nádia?

L.B. – Vai ser a professora Nádia. Ainda está nos trâmites, mas está designado que é a professora Nádia. O coordenador pedagógico é a Simone¹⁵, que está trabalhando no Quero-Quero desde de 2007 também, e coordenadores de núcleo somos eu e o Rafael¹⁶, que estamos trabalhando desde de 2007. Eu possivelmente fique só até o fim do ano, ou saia até antes do fim do ano, por isso então eu fiquei de Coordenador de Núcleo. Se pensou em eu ficar numa coordenação maior, até nessa pedagógica de quarenta horas por já conhecer o projeto, mas ficou assim para que não se perdesse nessa transição, se eu sair, até porque possivelmente me chamassem para trabalhar na Prefeitura¹⁷ até mesmo durante esse primeiro semestre e eu não teria como ficar com o mestrado, a Prefeitura, e o Quero-Quero. Então, a gente optou por eu ficar como Coordenador de Núcleo, que seria mais fácil de repor depois.

¹⁴ Referência ao curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁵ Simone Maria Pansera.

¹⁶ Rafael Gambino Teixeira.

¹⁷ Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

P.M. – Coordenador de Núcleo tem vinte horas e o Coordenador Pedagógico tem quarenta horas?

L.B. – Isso. Se eu não me engano, o Pedagógico é quarenta. O Geral é quarenta.

P.M. – E o de Núcleo vinte?

L.B. – O de Núcleo vinte.

P.M. – Esses valores todos são repassados pelo Ministério e aí vocês têm agora as bolsas pelo Programa Segundo Tempo?

L.B. – As bolsas foram passadas para a FAURGS. Esse dinheiro então chega na FAURGS, que é quem administra o Segundo Tempo a nível nacional, esse contato nos facilita bastante. Chega na FAURGS e a gente faz bolsa através da FAURGS, a gente recebe por mês.

P.M. – E se tu achas importante preservar a memória do Programa Segundo Tempo e por quê?

L.B. – Acho bastante importante até porque houve uma transição, como eu falei. Em 2007 se viu uma necessidade de ter um acompanhamento mais direto e uma capacitação melhor dos professores, e acredito que só olhando para o passado a gente consegue ver as necessidades de se mudar ou de manter para o futuro.

P.M. – Bom, não sei se tem mais alguma coisa para falar. Te agradecer pela disponibilidade depois de dormi quase as 3 horas e 30 minutos da manhã, quase defendendo a dissertação. Então muito obrigada, e encerrando a entrevista.

[FINAL DO DEPOIMENTO]